

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rejane Endler de Azevedo¹

RESUMO

O artigo trata da importância da música na educação infantil. Reflete vários momentos de observação e trabalhos feitos no decorrer do meu curso de Graduação. Esta pesquisa encaminha para a compreensão da influência da música na aprendizagem da criança de escola infantil.

Palavras chaves: Educação; música; criança.

Dedicatória

Dedico a todas as pessoas que acreditam que a música pode tornar a educação algo especial na vida de toda a criança.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Rubem Alves

INTRODUÇÃO

A pesquisa fala sobre a importância da música para a criança de 03 a 04 anos da escola infantil Jardim Camaquã, turma de Maternal II, no ano de 2011. Analisam, também, com reflexões, supervisão e orientação o valor educativo da música na educação infantil e sua contribuição para o desenvolvimento da criança. O que me levou

¹ Graduada em Pedagogia – Ed. Infantil – Ed. Popular. E-mail para contato: endler28@yahoo.com.br.

a pesquisar sobre o assunto, foi o interesse e fascínio que observei nesta turma pela música.

O objetivo desta pesquisa foi o de encontrar subsídios para ajudar no planejamento das aulas, visando ao desenvolvimento da turma, usando o recurso da música. As crianças gostam e precisam de música na escola por ser um importante instrumento de interação, socialização. Proporciona o trabalho em grupo, desenvolve coordenação motora, expressão corporal e verbal, interação com uma manifestação artística, dotada de historicidade e cultura.

O som, o ritmo, a melodia fazem parte de suas vidas. A música se faz presente no ar, as envolvendo completamente, desde a mais tenra idade: a voz da mãe nas canções de ninar, ao ensinar as primeiras palavras, a voz do pai, dos irmãos, da família, ao falarem seus nomes, contarem histórias, ao ouvirem o rádio, o canto dos passarinhos, o miado do gato, o vibrar das batidas das mãos, o ruído do avião e tudo o que se faz com ritmo e melodia.

Relacionamos uma extensa variedade de vivências com sons, ritmos e movimento. No decorrer desta pesquisa, foram propostas várias atividades musicais de forma a estimular ainda mais o gosto pela música, como também desenvolver o pensamento autônomo e criativo por parte das crianças. Os meios técnicos de comunicação foram utilizados como instrumento de auxílio na descoberta dos diferentes sons, mas, em momento algum, se sobrepôs às vivências e trocas dos participantes deste trabalho.

Esta pesquisa contribuiu para que eu refletisse e entendesse a importância da música para a educação infantil, como um mediador no processo de aprender e ensinar. No capítulo I, abordei um pouco sobre a teoria de Howard Gardner, as inteligências múltiplas e os estágios de desenvolvimento pesquisados por Jean Piaget. Já no capítulo II, a música e a criança, falei um pouco sobre o desenvolvimento infantil e como a aprendizagem é despertada com a música e como a criança se identifica diante de diferentes sons.

Enfim, no capítulo III, falei da importância da música especificamente para a turma de maternal II da Escola Infantil Jardim Camaquã no ano 2009. A importância educacional desta pesquisa é mostrar que a criança que tem contato com a música, na educação infantil, estará sendo estimulada a refletir sobre o meio que a cerca, usando do mesmo como instrumento para resolver e solucionar desafios do cotidiano.

Procurei apresentar este assunto de maneira sutil e encantador, para que as pessoas que forem ler esta pesquisa fiquem tão contagiadas pelo assunto quanto esta pesquisadora que o escreveu. Escrever sobre a criança e a música na educação infantil, me remete à turma de maternal II com a qual trabalho neste ano, turma esta que, em sua totalidade, é encantada pela música. Tomara que eu possa contribuir com a pesquisa, dando subsídio para todos os que a ela se reportarem na procura de resposta para o envolvimento das crianças com a música.

Palavras-chaves: Educação, Música, Criança.

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

A teoria das inteligências múltiplas foi desenvolvida, a partir da década de 1990, por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Harvard, liderada pelo psicólogo Howard Gardner. Ele se baseou nestas pesquisas para questionar a tradicional visão da inteligência, uma visão que enfatiza as habilidades linguística e lógico-matemática. Segundo Gardner, todos os indivíduos normais são capazes de uma atuação em pelo menos sete diferentes, até certo ponto, independentes áreas intelectuais. Ele sugere que não existem habilidades gerais, duvida da possibilidade de se medir a inteligência através de testes de papel e lápis e dá grande importância a diferentes atuações valorizadas em culturas diversas. Finalmente, ele define inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais áreas. Em seu trabalho, explora e desenvolve a ideia de que as manifestações de inteligência compõem um amplo espectro de competências, incluindo as dimensões linguística, lógico-matemática, mas também a musical, a corporal-cinestésica, a espacial, a intrapessoal.

Ele identificou e descreveu originalmente sete tipos de inteligência nos seres humanos e obteve grande impacto na educação no início da década de 1990. Mas, recentemente, acrescentaram à lista as inteligências naturalista e existencial. Psicólogo construtivista influenciado por Piaget, Gardner é professor especializado em educação e neurologia. Questionando a visão predominante de inteligência centrada nas habilidades linguísticas e lógico-matemáticas. Em cada pessoa, tais inteligências se combinam de forma diferente. Na educação, a teoria de inteligências múltiplas implica o desenvolvimento de avaliações que sejam adequadas às diversas habilidades, a criação

de currículos específicos para cada saber; um ambiente educacional mais amplo e variado. Gardner é um crítico implacável dos testes de QI e de aptidão escolar. É considerado um dos principais pedagogos do final de século passado.

“Em última análise, o pleno entendimento de qualquer conceito de qualquer complexidade não pode ser restrito a um único modelo de conhecimento ou modo de representação” Howard Gardner (1992).

Para Gardner, o propósito da escola deveria ser o de desenvolver essas inteligências e ajudar as pessoas a atingirem seus objetivos de ocupação adequados aos seus fantasmas particulares de inteligência. Gardner propõe uma escola centrada no indivíduo, voltada para um entendimento e desenvolvimento do perfil cognitivo do aluno.

AS INTELIGÊNCIAS

1. **Lógico-matemática** - abrange a capacidade de analisar problemas, operações matemáticas e questões científicas. Medida por teste de QI, é mais desenvolvida em matemáticos, engenheiros e cientistas, por exemplo.
2. **Linguística** - caracteriza-se pela maior sensibilidade para a língua falada e escrita. Também medida por teste de QI, é predominante em oradores, escritores e poetas.
3. **Espacial** – expressa-se pela capacidade de compreender o mundo visual de modo minucioso. É mais desenvolvida em arquitetos, desenhistas e escultores.
4. **Musical** – expressa-se através da habilidade para tocar, compor e apreciar padrões musicais, sendo mais forte em músicos, compositores e dançarinos.
5. **Físico-cinestésica (ou Corporal)**- traduz-se na maior capacidade de utilizar o corpo para a dança e os esportes. É mais desenvolvida em mímicos, dançarinos e esportistas, por exemplo.
6. **Intrapessoal** – expressa na capacidade de se conhecer, estando mais desenvolvida em escritores, psicoterapeutas e conselheiros.
7. **Interpessoal** – é uma habilidade de entender as intenções, motivações e desejos dos outros. Encontra-se mais desenvolvida em políticos, religiosos e professores.
8. **Naturalista** - traduz-se na sensibilidade para compreender e organizar os fenômenos e padrões da natureza. É característica de paisagistas, arquitetos e mateiros, por exemplo. Charles Darwin se encaixa nesta inteligência.

9. **Existencial** - capacidade de refletir sobre questões fundamentais da existência, aguçada em vários segmentos diferentes da sociedade.

“As inteligências dormem. Inúteis são todas as tentativas de acordá-las por meio da força e das ameaças. As inteligências só entendem os argumentos do desejo: elas são ferramentas e brinquedos do desejo”, Rubem Alves, (2002, pg. 16).

Aprendi, durante a minha formação, que tudo é movido pelo desejo, e que sem o mesmo não há troca nem aprendizado. Que até mesmo as inteligências devem ser despertadas, incentivadas para se manifestarem.

MUSICAL

Esta inteligência se manifesta através de uma habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre e habilidade para produzir e/ou reproduzir música. Admite que a inteligência musical esteja relacionada à capacidade de organizar sons de maneira criativa e à discriminação dos elementos constituintes da Música. A teoria afirma que pessoas dotadas dessa inteligência não precisam de aprendizado formal para colocá-la em prática. Isso é real, pois não está sendo questionado o resultado da aplicação da inteligência, mas, sim, a potencialidade para se trabalhar com a música.

As pessoas com um alto nível de inteligência musical percebem, desde cedo, diferentes sons no seu ambiente, e frequentemente cantam para si. São também sensíveis à entonação e ao poder emocional da música, possuem ritmo e marcação de tempo. Esta inteligência se localiza no hemisfério direito do cérebro.

Os profissionais que têm essa inteligência acentuada são geralmente músicos e afiadores de piano. A inteligência musical é conhecida e valorizada desde os primórdios da humanidade – faltava apenas que lhe dessem um nome. Quem a desenvolve consegue criar, comunicar e distinguir significado nos sons e em suas combinações. A maioria das pessoas aprecia música e esse apreço pode ser cultivado com a prática. Outros têm uma habilidade inata. Desde pequenos, podem decodificar melodias e ritmos com maior rapidez do que palavras, números ou imagens. A habilidade musical de **Wolfgang Amadeus Mozart** parece ter despertado quando ele ainda era um bebê, em Salzburgo, na Áustria, onde nasceu. Filho de um professor de música, recebeu intenso

aprendizado em casa e compôs seus primeiros trabalhos aos 5 anos. Adolescente, ele já era concertista requisitado pela nobreza em toda a Europa. Sua genialidade foi manifestada na fartura de sua produção artística e nas inovações que levou para as gerações futuras. Ele compôs em vários gêneros musicais, de sonatas para piano até música de câmara.

Todo ser humano é dotado de um espectro de diferentes capacidades que formam o conjunto das habilidades humanas e, nessa visão de homem, todas as inteligências detêm a mesma importância como defende Gardner (1994, 1995). Para Gardner, mesmo que uma inteligência se apresente como independente, é possível a correlação entre dois ou mais tipos delas. O ser humano pode ser dotado de mais de uma inteligência e delas fazer uso.

1.1 Desenvolvimento Musical

Para que o desenvolvimento musical se efetive, é imprescindível o contato com a música e a participação em atividades musicais, para possibilitar a diferenciação e a integração dos elementos musicais.

À medida que se processa o desenvolvimento, as respostas musicais do indivíduo vão aumentando em complexidade e especificidade, adquirindo maior precisão e exatidão. Nas experiências musicais, a interação contínua entre a diferenciação e a integração leva a uma compreensão cada vez mais aprofundada de conteúdos musicais em estudo. Mursell (1970) atesta que a criança chega à compreensão mais satisfatória de uma peça musical quando passa a dominar sua estrutura rítmica e melódica, suas relações tonais, etc.

Assim sendo, o desenvolvimento musical depende da diferenciação e da integração dos componentes da própria música. Sem a diferenciação progressiva dos elementos musicais, portanto, a integração não ocorre.

A experiência musical, em todas as suas fases e níveis, exige precisão e controle. É frequente encontrar-se uma criança que não consegue cantar uma canção com afinação desejável. Nesse caso, poder-se-ia submeter a criança a exercícios individuais a partir de melodias semelhantes às contidas na canção. Entretanto, tal procedimento é considerado ineficaz e, por vezes, prejudicial pelos psicólogos da música; isso porque os erros, a inabilidade e falta de controle são comuns nos primeiros estágios de desenvolvimento. Assim sendo, recomenda-se que, em vez de inibir a criança com procedimentos

coercitivos, promova-se, através de aprendizagens específicas, a progressiva eliminação do erro. Essa eliminação, porém, não depende de correções forçadas nem de exercícios repetitivos. A instabilidade para cantar é, evidentemente, acompanhada de imprecisão e só poderá ser dominada pela transformação da resposta inadequada em resposta bem estruturada.

Segundo Mursell (1970), para vencer o erro não basta o aprendiz saber que está errado. Precisa saber o que é certo. Se a criança emite uma melodia vagamente, é porque tem dela também uma percepção vaga. Para o cantor inseguro, a dificuldade está numa inadequada compreensão do contorno da melodia. Importa, pois, que seja orientado para a progressiva compreensão dos padrões melódicos contidos na canção em estudo.

Segundo Mursell (1970), a criança aprende a cantar uma canção por audição e imitação. O professor é o modelo e, ao apresentar a canção, deverá fazê-lo com intenção expressiva. Com toda probabilidade, ao procurar imitar o professor, as crianças tomam consciência da intenção expressiva e mesmo do apelo contido na música.

"A tarefa do professor: mostrar a frutinha. Comê-las diante dos olhos dos alunos. Provocar a fome. Erotizar os olhos, fazê-los babar de desejo. Acordar a inteligência adormecida. Aí a cabeça fica grávida: engordar com ideias. E quando a cabeça engravida não há nada que segue o corpo", Rubem Alves (2002, pg. 37).

As palavras de Rubem Alves traduzem perfeitamente os meus sentimentos a respeito do papel do professor, no que diz respeito ao compromisso do mesmo com seus alunos em relação ao seu papel de mediador e provocador no despertar desejos e vontade de conhecer e aplicar novos conhecimentos. Relação essa que, construída com vínculo e compromisso, permite que as inteligências se manifestem.

1- 2 OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO ELABORADOS POR PIAGET

Para o RCNEI (1998) Com o avanço da psicologia, na passagem do século XIX para o século XX, muitos conceitos sobre ensino-aprendizagem passaram a ser revistos. A criança passou a ser concebida não como um adulto em miniatura, mas como um ser em formação, que possui uma forma particular de ver o mundo.

A consolidação da "Escola Nova", na Europa, adaptada nos Estados Unidos

pelas ideias do filósofo John Dewey (1859-1952), direcionou o interesse das teorias educacionais à ação da criança e aos seus meios de construir o conhecimento sobre o mundo à sua volta.

O Construtivismo se consolidou mais tarde, apoiado sobre os estudos de psicologia, dos quais, o do suíço Jean Piaget (1896-1980) é os mais representativo. Existe uma forte indicação na literatura de que as descobertas piagetianas trouxeram a base teórica que faltava às abordagens construtivistas. Estas partem da premissa de que é a atividade mental do aluno que determina aquilo que é escolhido, eliminado, ajustado, coordenado, organizado dos conteúdos disponíveis na vida escolar.

A Psicogenética, na vertente piagetiana, explica o desenvolvimento psicológico do sujeito como uma prolongação de seu desenvolvimento biológico, sendo decorrente da interação entre suas estruturas internas e o mundo exterior. Esse processo ocorre através de dois tipos de invariáveis funcionais: a adaptação e a organização. A adaptação contém dois subprodutos que são a assimilação e a acomodação.

A assimilação é a incorporação do objeto às estruturas do sujeito. A acomodação se define pela modificação de estruturas do sujeito às peculiaridades do objeto. Assimilação e acomodação são indissolúveis e trabalham em prol da equilíbrio. A busca de equilíbrio é o que impulsiona o desenvolvimento cognitivo.

A organização é o que possibilita a adaptação. Ela se dá através das estruturas derivadas dos reflexos inatos, e que se transformam em esquemas através do exercício. Estes esquemas vão se desenvolvendo até formarem um complexo sistema de coordenação de estruturas utilizadas no pensamento do adulto. Esse desenvolvimento se dá através do próprio funcionamento intelectual. Apesar de ser variável quando às idades, o desenvolvimento é invariável quanto à sequência de seus quatro estágios: o sensório-motor, o pré-operacional, o das operações concretas e o das operações formais.

O estágio sensório-motor, como é chamado o período do nascimento aos dois anos, aproximadamente, é caracterizado por um tipo de inteligência prática, sem pensamento propriamente dito, pois “abrange ajustamentos perceptivos e motores simples às coisas e não a manipulações simbólicas delas”. A partir dos dois anos, temos o período pré-operatório, caracterizado pelo aparecimento do pensamento simbólico, responsável pela conquista da linguagem e pela preparação das estruturas do período seguinte. Aí acontece a passagem das cognições motoras até a representação.

O período operatório-concreto - entre os 7 e 11 anos, aproximadamente, é um período resultante de uma organização conceitual do ambiente externo cada vez mais estável e da formação de estruturas cognitivas chamadas agrupamentos.

O período das operações formais – entre os 11 e 15 anos, aproximadamente – tem a característica de apresentar os pensamentos hipotético-dedutivo e proposicionais. A criança passa a lidar bem não apenas com situações reais, mas com “um mundo de pura possibilidade, o mundo das afirmações abstratas e proposicionais, o mundo do como é”.

O conceito de decalagem (termo em francês) que, na Psicogenética, tem um significado de deslocamento temporal, vem aprimorar essa teoria de estágios explicando a ocorrência de comportamentos incompatíveis com o estágio em que determinado sujeito se encontra. A decalagem horizontal é a repetição de um processo cognitivo (que usa as mesmas operações) em tarefas diferentes num mesmo nível de desenvolvimento. Já a decalagem vertical é aquela repetição que ocorre em tarefas semelhantes (identidade de conteúdos), mas em níveis de desenvolvimento diferentes (com operações diferentes). O conceito de decalagem horizontal explica a heterogeneidade observada dentro de cada um dos estágios de desenvolvimento, assim como a decalagem vertical explica a homogeneidade observada no desenvolvimento como um todo.

Foi trabalhando na análise de testes de inteligência que Piaget se interessou pelo tipo de raciocínio que levava a criança ao erro. Concluiu que “a lógica não é inata, mas se desenvolve pouco a pouco”.

O método clínico, criado por Piaget, fundamenta-se no exame do comportamento e do discurso do sujeito procurando uma coerência a partir das crenças que exprimem. Piaget escolheu as estruturas lógico-matemáticas para entender o pensamento do sujeito e esta postura metodológica o levou a escolher um “objeto paradigmático”, no caso, as noções (de tempo, de espaço, etc.) e a sua divisão para a análise, ou seja, o estudo das operações que compõem o funcionamento das noções estudadas. Portanto, o método clínico favorece a pesquisa sobre as noções de número, causalidade, tempo e espaço.

A preocupação com o sujeito epistêmico levou Piaget a procurar o que há “de comum em todos os sujeitos de um mesmo nível de desenvolvimento, independente das diferenças individuais.” Seu interesse se voltou para aquilo que, a partir de um certo nível, se torna “necessário, evidente, lógico” para a criança.

A concepção de conhecimento, para Piaget, parte da ação, mas ela se distingue do empirismo, por entender que o conhecimento “não decorre meramente da percepção”. Segundo Piaget, é a ação sobre os objetos que propicia a formação de esquemas – uma espécie de conceito prático - com os quais o indivíduo irá relacionar-se com os outros objetos.

Piaget contrariou tanto a verdade inatista quanto a empirista. Se no Inatismo acredita-se que as estruturas do pensamento são inatas e no Empirismo que elas são passíveis de serem adquiridas por via sensorial, no Construtivismo, tem-se em conta que elas são construídas através de um processo ativo do sujeito.

A teoria de Piaget tem influenciado grande parte da pesquisa sobre desenvolvimento cognitivo musical nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, essa teoria tem tido um impacto dominante na pesquisa sobre processos cognitivos na educação musical.

Em linhas gerais, Piaget esquematiza o desenvolvimento intelectual assim:

I – Estágio sensório-motor (0 a 2 anos);

II - Estágio pré-operacional (2 a 6 anos);

III - Estágio de operações concretas (7 a 11 anos);

IV - Estágio de operações formais (12 anos em diante).

I – ESTÁGIO SENSÓRIO-MOTOR (0 a 2 anos) - Como o nome indica, neste estágio inicial, não há ainda capacidade de abstração, e a atividade intelectual é de natureza sensorial e motora. A criança percebe o ambiente e age sobre ele (...)

II – ESTÁGIO PRÉ-OPERACIONAL (2 a 6 anos) – (...) O principal progresso desse período em relação ao sensório-motor é o desenvolvimento da capacidade simbólica. Nesta fase, a criança já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos, mas já distingue um significado (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa(o objeto ausente), o significado (...)

III – ESTÁGIO DE OPERAÇÕES CONCRETAS (7 a 11 anos) – Este é um período que se caracteriza por um tipo de pensamento que demonstra que a criança já possui uma organização assimilativa rica e integrada, funcionando em equilíbrio com um mecanismo de acomodação. Ela já parece ter a seu comando um sistema cognitivo coerente e integrado com o qual organiza e manipula o mundo.

2- A Música e a Criança

Segundo o RCNEI, a expressão musical das crianças é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivo e afetivo e pela exploração (sensório-motora) dos materiais sonoros. As crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo “personalidade” e significados simbólicos.

A música, por ser uma atividade artística extremamente rica e que toca o ser humano de forma profunda, tem na educação e na escola infantil uma função essencial. Música é o envolvimento ordenado do tempo e de tons no espaço ao qual a criança pequena se liga de forma integral, pois vivencia esse movimento como expressão de processos internos, dando-lhe possibilidade de levar este impulso ao encontro de leis e formas claras de pensar, sentir e agir, sem, contudo, tirá-la do ambiente lúdico e de fantasias que lhe é próprio.

Além das letras onde estão inseridos números e quantidades, a música proporciona a vivência do elemento rítmico, que, por ser dividido em tempos (espaços de tempos) e estruturado em forma de compassos que se repetem, em muito favorece o desenvolvimento do pensar sequencial e lógico, que é base do raciocínio matemático. Para crianças de quatro a seis anos, as possibilidades para trabalhar com música se ampliam. Os conteúdos podem ser tratados em contextos que incluem a reflexão sobre aspectos referentes aos elementos da linguagem musical. O mesmo pode vir contemplado com trabalhos que permitam desenvolver o reconhecimento e a utilização expressiva, em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelo som: altura (graves ou agudos), duração (curtos ou longos), intensidade (fracos ou fortes) e timbre (característica que distingue e “personaliza” cada som). Reconhecimento e utilização das variações de velocidade e densidade na organização e realização de algumas produções musicais. Participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e/ou a improvisação musical. Repertório de canções para desenvolver memória musical.

Integrar a música à educação infantil implica que o professor deve assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Considerando-se que a maioria dos professores de educação infantil não tem uma formação específica em música, sugere-se que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo no sentido de: sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música; reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói; entender e respeitar como as crianças se

expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios necessários (vivências, informações, matérias) ao desenvolvimento de suas capacidades expressivas.

Cantar e ouvir músicas pode ocorrer com frequência e de forma permanente nas instituições. As atividades que buscam valorização da linguagem musical e que destacam sua autonomia, valor expressivo e cultural (jogos de improvisação, interpretação e composição) podem ser realizadas duas ou três vezes por semana, em períodos curtos de até vinte ou trinta minutos, para as crianças maiores.

Pode ser, também, realizados projetos que integrem vários conhecimentos ligados à produção musical. A construção de instrumentos, por exemplo, pode se constituir em um projeto por meio do qual as crianças poderão: explorar materiais adequados à confecção; desenvolver recursos técnicos para a confecção dos instrumentos; informar-se sobre a origem e história do instrumento musical em questão; vivenciar e entender questões relativas a acústicas e produção de som; fazer música, por meio da improvisação ou composição, no momento em que os instrumentos criados estiverem prontos.

O espaço no qual ocorrerão as atividades de música deve ser dotado de mobiliário que possa ser disposto e reorganizado em função das atividades a serem desenvolvidas. Em geral, as atividades de música requerem um espaço amplo, uma vez que estão intrinsecamente ligadas ao movimento. Para a atividade de construção de instrumentos, no entanto, será interessante contar com um espaço com mesas e cadeiras, onde as crianças possam sentar-se e trabalhar com calma.

O espaço também deve ser preparado de modo a estimular o interesse e a participação das crianças, contando com alguns estímulos sonoros. O trabalho com a música deve reunir toda e qualquer fonte sonora: brinquedos, objetos do cotidiano e instrumentos musicais de boa qualidade. É preciso lembrar que a voz é o primeiro instrumento e o corpo humano é fonte de produção sonora.

É importante que o professor possa estar atento à maior ou menor adequação dos diversos instrumentos à faixa etária. Pode-se confeccionar diversos materiais sonoros com as crianças, bem como introduzir brinquedos sonoros populares, instrumentos étnicos etc. A avaliação, na área de música, deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do professor. Deverá constituir-se em instrumento para a reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa (Aguilar, 1977: 58). Essa afirmação tem alicerçado o nosso planejamento; sempre contemplamos o lúdico em nossas atividades. E como resposta há crianças envolvidas e participativas.

2-1 MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É preciso discernir que características a música levada à criança deve ter, pois música deve ir ao encontro do estágio de desenvolvimento em que ela se encontra, cabendo aos educadores colocá-la neste contexto.

Segundo o RCNEI, a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capaz de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festa e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia.

A criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e, ao mesmo tempo, buscando integrar-se com os outros. Nesse processo, a autoestima e a autorrealização desempenham um papel muito importante. Através do desenvolvimento da autoestima, ela aprende a se aceitar como é com suas capacidades e limitações. As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma, a criança vai desenvolvendo o conceito de grupo. Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe deem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e autorrealização.

2-2 Crianças de 3 á 6 anos:

Segundo o RCNEI, para esta fase os objetivos estabelecidos para a faixa etária de zero a três anos deverão ser aprofundados e ampliados, garantindo-se, ainda, oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

- Reconhecimento e utilização expressiva, em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelos sons;

- Participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e/ou a improvisação musical;
- Repertório de canções para desenvolver a memória musical;
- Exploração e identificação de elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seus conhecimentos do mundo;
- Percepção e expressão de sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.

Nessa faixa etária, o trabalho com a audição poderá ser mais detalhado, acompanhando a ampliação da capacidade de atenção e concentração das crianças. A apreciação musical poderá propiciar o enriquecimento e ampliação do conhecimento de diversos aspectos referentes à produção musical: os instrumentos utilizados; tipo de profissionais que atuam e o conjunto que formam (orquestra, banda etc.); gêneros musicais; estilos etc. O contato com uma obra musical pode ser completado com algumas informações relativas ao contexto histórico de sua criação, a época, seu compositor, intérpretes etc.

Há que se tomar cuidado para não limitar o contato das crianças com o repertório dito “infantil”, que é, muitas vezes, estereotipado e, não raro, o mais inadequado. As canções infantis veiculadas pela mídia, produzidas pela indústria cultural, pouco enriquecem o conhecimento das crianças. Com arranjos padronizados, geralmente executados por instrumentos eletrônicos, limitam o acesso a um universo musical mais rico e abrangente, que pode incluir uma variedade de gêneros, estilos e ritmos regionais, nacionais e internacionais.

Com o aparecimento da linguagem, as condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e no intelectual. Além de todas as ações reais ou materiais que é capaz de efetuar, como no curso do período precedente, a criança torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstituir suas ações passadas, sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal. Daí resultam três conseqüências essenciais para o desenvolvimento mental: uma possível troca entre os indivíduos, ou seja, o início da socialização da ação; uma interiorização da palavra, isto é, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem interior e sistema de signos, e, finalmente, uma interiorização da ação como tal, que, puramente perceptiva e motora que era até então, pode daí em diante se reconstituir no plano intuitivo das imagens e das “experiências mentais”. (PIAGET,2001 p.24)

No decorrer da pesquisa, conseguimos perceber a música como uma linguagem clara e muito usada pela criança para se comunicar e se desenvolver mental e corporalmente. É nela que a criança descobre a maneira de colocar para fora vários sentimentos bons e ruins. E a partir daí permite que o educador atento tenha subsídios para trabalhar tais sentimentos.

2-3 Conteúdo

A organização dos conteúdos, segundo RCNEI, para a faixa etária de 4 a 6 anos para trabalhar a área de música deverá, acima de tudo, respeitar o nível de percepção e desenvolvimento (musical e global) das crianças em cada fase, bem como as diferenças socioculturais entre elas.

Os conteúdos deverão priorizar a possibilidade de desenvolver a comunicação e expressão por meio dessa linguagem e estarão organizados em dois blocos, “O fazer musical” e “Apreciação musical”, que abarcarão, também, questões referentes à reflexão:

- a) a exploração de materiais e a escuta de obras musicais para propiciar o contato e experiência com a matéria-prima da linguagem musical: o som (e suas qualidades) e o silêncio;
- b) a vivência da organização dos sons e silêncios em linguagem musical pelo fazer e pelo contato com obras diversas;
- c) a reflexão sobre a música como produto cultural do ser humano é importante forma de conhecer e representar o mundo.

O fazer musical é uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação. Improvisar é criar instantaneamente, orientando-se por alguns critérios prédefinidos, mas com grande margem a realizações aleatórias, não determinadas. Compor é criar a partir de estruturas fixas e determinadas e interpretar é executar uma composição contando com a participação expressiva do intérprete.

Trabalhar com a música requer atitudes de concentração e envolvimento com atividades propostas, posturas que devem estar presentes durante todo o processo educativo, em suas diferentes fases. Entender que fazer música implica organizar expressivamente sons e silêncio, de acordo com princípios de ordem, é questão fundamental a ser trabalhada desde o início. Nesse sentido, deve-se distinguir entre

barulho, que é uma interferência desorganizada que incomoda, e música, que é interferência intencional que organiza som e silêncio e que comunica. A presença do silêncio como elemento complementar ao som é essencial à organização musical. O silêncio valoriza o som, cria expectativa e é, também, música. Deve ser experimentado em diferentes situações e contextos.

Importa que todos os conteúdos sejam trabalhados em situações expressiva e significativa para as crianças, tendo-se o cuidado fundamental de não tomá-los como fins em si mesmo.

Em princípio, todos os instrumentos musicais podem ser utilizados no trabalho com crianças pequenas, procurando valorizar aqueles presentes na região, assim como aqueles construídos pelas crianças.

Deverão ser propostos, também, jogos de improvisação que estimulem a memória auditiva e musical, assim como a percepção da direção do som no espaço.

Uma outra atividade interessante é a sonorização de histórias. Os contos de fadas, a produção literária infantil, assim como as criações do grupo são ótimos materiais para o desenvolvimento dessas atividades.

As cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem com a criança, desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoromusicais favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculo forte tanto com os adultos quanto com a música. (BRITO, 1998, p.49)

Nos recursos citados acima, o educador encontra fontes riquíssimas para trabalhar a música na educação infantil.

“A criança interage ativa e criativamente com a música, construindo seu percurso e elaborando seu conhecimento. Aprendendo a ouvir a cultura musical infantil, ou seja, conhecendo, entendendo e respeitando o modo como percebem e se expressam, será possível ampliar e enriquecer o trabalho musical que se pretende desenvolver”. (RCNEI, 1998, p.174)

Para que o planejamento com musical seja bem desenvolvido por parte do educador, é necessário que o mesmo respeite o que a criança traz da música presente em sua vida e que tenha com ela um bom vínculo. Aí, partir dessas estratégias poderá desenvolver um bom trabalho musical.

2- A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA PARA O MII DA EMEI JARDIM CAMAQUÃ EM 2011.

Quando começamos o ano de 2011, no maternal II, percebemos que as crianças gostavam muito de cantar, mas as educadoras, apesar de gostar, não cantavam muito, pois se achavam desafinadas.

As crianças não se envolviam com entusiasmo nos trabalhos propostos, principalmente no desenho: faziam rápido e sem detalhes. Havia muitos conflitos e muita disputa por espaço. Percebemos que a turma tinha várias lideranças e que a grande maioria tinha famílias desestruturadas, muitos desempregados e drogadição.

Tudo isso se refletia na sala: falta de interesse pelos projetos e atividades em modo geral. Foi quando a professora da turma aposentou-se. Recebemos uma nova educadora. A professora Patrícia chegou de mansinho e veio se mostrando aos poucos, trazia uma proposta nova para nós, "quem canta seus males espanta", e foi nos conquistando e nos encantando.

Todo o dia, trazia uma nova música para nos ensinar junto com propostas de trabalhos diferenciadas. Foi nos envolvendo e entusiasmando. Quando percebemos, toda a escola parava para escutar nossas novas músicas, fomos ensinando aos nossos colegas as músicas que aprendíamos. Até o professor de música Bob, contratado para dar aula uma vez na semana para as turmas, ficou encantado nos vendo cantar. Mostrávamos as músicas novas que estávamos aprendendo com a nossa professora e ele fazia questão de nos acompanhar com o teclado e o violão.

As crianças ficavam atentas nas aulas, pois todos queriam aprender as músicas e as coreografias que a Patrícia ensinava. E, apesar de trabalharmos em turnos inversos, percebi e senti a transformação da turma.

O tempo de concentração ficou maior e, com isso, os trabalhos se enriqueceram de detalhes, as disputas por espaço foram se tornando raras e, quando aconteciam pediam ajuda as educadoras para mediar esses conflitos.

Quando, no segundo semestre, iniciei o estágio, já recebi uma turma tranquila, criativa e participativa. No planejamento, procurei, sempre que possível, contemplar a música e principalmente ouvir atenta as novidades que traziam diariamente para a sala. A turma tornou-se uma turma musical, e sempre que é possível cantam. Os males, com certeza, já foram espantados.

A música fez diferença para essa turma de maternal II da Escola Jardim Camaquã em 2009.

"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntas as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes" Rubem Alves (2006, pg. 56).

Esta afirmação vem de encontro a tudo que contém nesta pesquisa, e com certeza e a melhor maneira de se encantar pela música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta pesquisa, fica a certeza de que foi só o início, pois muitas coisas ainda poderão ser escritas. É um assunto muito rico e amplo. Neste tempo de pesquisa, surgiram bibliografias maravilhosas sobre o mesmo. Pode-se afirmar que a música é uma forma de cultura, a criança aprende valores, regras, se desenvolve. A música é um recurso indispensável na educação Infantil, pois faz parte da vida da criança, seja para construção cultural ou por puro prazer.

A formação musical deve respeitar o desenvolvimento da criança, reconhecendo-a como agente de sua aprendizagem. As atividades sugeridas estimularam a imaginação e favorecem o exercício da cooperação, criatividade e autonomia.

Nesta pesquisa, foram citadas formas do educador possibilitar que as brincadeiras musicais, na escola infantil, se constituam em experiências vivas, agradáveis e enriquecedoras.

Descrevi sobre conceitos norteadores que, quando somados, auxiliam os educadores a tomarem decisões certas em relação à musicalização na escola infantil. Desmitifiquei vários conceitos errôneos com esta pesquisa, que enriqueceu mais a minha vida, e que me fez ficar cada dia mais encantada pela música. No futuro, pretendo pesquisar mais a música na educação, para tentar desafiar educadores a perceberem o quanto é importante caminharmos juntos para que o desenvolvimento das crianças não seja parcial, mas sim pleno e irrestrito.

Quero por meio desta pesquisa despertar o interesse de outras pessoas e que, quando a leiam encontrem aqui subsídios para realizarem um trabalho comprometido e digno com a música na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ensinar. Cantar, Aprender.** 1ª edição São Paulo: Papiros, 2008.
- COSTANCE Kamill; DEVRIES Rheta. **Piaget para a educação pré-escolar.** 2º edição Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: Para que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira. **Cor, som e movimento.** A expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança. 2ª edição Porto Alegre: Mediação, 2001.
- MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Práticas Musicais na Escola Infantil.** Educação Infantil Pra Que Te Quero? (org) - Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GARDNER, H. A criança Pré- Escolar – **Como Pensa e Como a Escola Pode Ensiná-la.** Porto Alegre: Mediação, 2001.
- Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil-** volume 3- Brasília 1998.